

| Estante



BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**.
São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FRANCISCO BUARQUE DE HOLANDA, compositor brasileiro de música popular. Fez em 1974 uma incursão pela literatura publicando *Fazenda modelo*. Depois vieram *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995) e *Budapeste* (2004). Em 1999, foi lançado pela Companhia das Letras seu quinto romance *Leite Derramado*. O livro trata de uma narrativa na primeira pessoa de um velho de 100 anos que internado em um hospital desfia suas lembranças a partir de relações familiares.

Eulálio é um descendente de uma família cujos membros ocuparam funções importantes no Estado brasileiro, desde a Colônia, passando pelo período Imperial, até a República. Ao longo do século conta a história da decadência familiar dos Assumpção Palumba. Faz-se realidade, na oralidade dele, o ditado de “pai rico, filho nobre, neto pobre”. Confessa para um ouvinte não especificado – ora uma enfermeira, ora sua filha, ora outro paciente de quarto –, as memórias que, ao serem alinhavadas, mostram-se com características associativas, emocionais e imprecisas.

Ao afirmar de chofre que qualquer coisa recordada “vai doer”, pois a “memória é uma vasta ferida”, a personagem expressa a condição afetiva da memória, pois nossas

experiências trazem um caudal de teores morais. Esses valores, em se tratando de um idoso, reverberam em seu âmago de três modos. A própria situação pungente lembrada. Muitas de atitudes praticadas pelo impulso da paixão, que impede o livre discernimento, provoca *a posteriori*, remorso e sentimento de culpa, oriundo da coerção das normas hegemônicas em uma sociedade fincadas no passado e que se tornam intransigentes no presente. Sentimentos dolorosos associam-se a outros de idênticos conteúdos, chegando seu Eulálio a dizer que: “talvez minha vida já fosse um pouco assim, uma dorzinha chata a me espetar o tempo todo”.

Em outro momento, denota uma concepção bergsoniana de memória, em que todas as experiências vividas encontram-se alojadas na consciência e, logo que acionadas, podem ser recapituladas em sua inteireza: “A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas”.

Aparentemente, parece incorrer em contradição, quando a personagem diz claudicar em suas lembranças: “e com efeito tenho vaga lembrança de tal assunto. Mas lembrança de velho não é confiável”. Não, ao contrário, ocorre uma continuação da mesma perspectiva, pois segundo Bergson o passado “deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória lembrança” [do presente], que nos impulsiona a agir. Desse modo, o velho na sociedade ocidental, por não anelar mais a conquista de realização futura, seria o repositório de lembranças de passado que tomaria a vacância das coisas úteis e da memória do agir.

A primorosa narrativa de Chico Buarque, através das Memórias de Eulálio d’Assumpção Palumba, remete o leitor ao passado da sociedade brasileira, no tocante as diferenças étnico-raciais que continuam presentes nas relações cotidianas, configuradas na discriminação e preconceito.



BOLAÑO, Roberto. **Detetives selvagens**.
São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LER “OS DETETIVES SELVAGENS” do escritor chileno Roberto Bolaño é uma experiência real visceralista. O movimento literário que mobiliza os dois personagens, Arturo Belano e Ulisses Cruz, centrais do livro acaba sendo uma metáfora da conexão que estabelecemos com a literatura de Bolaño. De um lado, é uma imersão num universo muito próximo ao próprio escritor; uma vivência que expressa tanto o que tem de decadente nas rodas dos aspirantes a literatos, mas também a paixão e a capacidade de alguns mais sensíveis, mesmo que nem sempre talentosos, de imaginarem-se criadores, estetas. De outro lado, somos tragados de modo visceral pela multiplicidade de pontos de vista, de seres que cruzam a vida dos dois personagens e que vão se sucedendo numa tal velocidade e com tal entrega, que rapidamente somos tragados pelas múltiplas investigações que se desenrolam simultaneamente. Bolaño brinca com os gêneros e nos oferece uma novela policial, que é ao mesmo tempo um romance psicológico, a crônica de uma geração, um livro de memórias, entre outros. Mas sua principal qualidade não reside aí. Parece-me que o que torna “Os detetives selvagens” um livro inesquecível é sua capacidade de nos convencer que aquelas vidas, em grande parte medíocres, tomadas num momento em que a desesperança já se

abateu, ridículas e empoladas, são deliciosas, instigantes, atraentes. É, finalmente, uma profunda investigação sobre o amadurecimento, realizada a distância, até mesmo de maneira temerária, que nos diz que há encantos da juventude que dificilmente podemos manter com o passar dos anos. Roberto Bolaño em “Os detetives selvagens” produziu em mim aquele prazer associado à descoberta de uma outra dimensão; prazer que só a literatura pode produzir, quando nos desloca de nosso mundo para ampliar nossa percepção da condição humana. É um livro sobre frustrações que nos deixa irremediavelmente felizes.

LUIS HENRIQUE CUNHA (Paraíba) - Sociólogo e Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande.